

NAÇÃO CRIOULA: O ÚLTIMO NAVIO NEGREIRO A APORTAR NO BRASIL¹

NAÇÃO CRIOULA: THE LAST SLAVE SHIP TO ARRIVE IN BRAZIL

Darcy Claudio Jasper²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir o movimento abolicionista brasileiro, questões do tráfico negreiro e da colonização no Brasil, elementos presentes na obra *Nação crioula*, do angolano José Eduardo Agualusa, publicada em 1997. O romance é escrito por meio de cartas do português Fradique a sua madrinha Madame Jouarre, ao amigo Eça de Queiroz e à amada Ana Olímpia. No romance temos duas realidades: a do escravista e a do escravizado. Esse período foi marcado por interesses econômicos e comerciais, e a escravidão ignora o sofrimento daqueles que aqui foram escravizados, pessoas que na sua terra natal, na mãe África, também tinham uma história.

Palavras-chave: Movimento abolicionista. Cartas. Luanda.

ABSTRACT: This paper aims to discuss the Brazilian abolitionist movement, the slave trade and colonization issues, elements found in the book *Nação crioula*, written by the Angolan author José Eduardo Agualusa and published in 1997. The novel is written by means of the letters of the Portuguese Fradique to his godmother Madame Jouarre, to his friend Eça de Queiroz and to his beloved Ana Olímpia. There are two realities in the novel, one from the slaveholder and the other one from the enslaved. This period was characterized by economic and commercial interests, and slavery ignores the suffering of those who were enslaved in Brazil, people who had a history in their homeland.

Keywords: Abolitionist Movement. Letters. Luanda.

¹ Artigo recebido em 25 de setembro de 2015 e aceito em 19 de novembro de 2015. Texto orientado pela Profa. Dra. Brunilda Tempel Reichmann (UNIANDRADE).

² Mestrando do Curso de Teoria Literária da UNIANDRADE.
E-mail: darcycj@gmail.com



INTRODUÇÃO

O romance *Nação crioula* conta a história do amor secreto do português Carlos Fradique Mendes e Ana Olímpia Vaz de Caminha, que, tendo nascida escrava, foi uma das mulheres mais ricas e poderosas de Angola. O romance se desenrola no final do século XIX, tem como espaço Luanda, Lisboa, Paris e Rio de Janeiro. Misturam-se personalidades históricas do movimento abolicionista brasileiro, escravos e escrivocratas, lutadores de capoeira, assassinos de aluguel, todos numa luta de vida ou morte por um mundo novo. O romance reúne as cartas do português Fradique a sua Madrinha Madame Jouarre, ao amigo Eça de Queiroz e à amada Ana Olímpia.

José Eduardo Agualusa nasceu a 13 de dezembro de 1960, na cidade de Huambo, planalto central de Angola. Jornalista e colaborador permanente do jornal *Público*, da RDP – *África* e do programa *Acontece*, da RTP – 2. Foi membro da União dos Escritores Angolanos e publicou *A conjura* (romance, 1989), *D. Nicolau Água-Rosada e outras histórias verdadeiras e inverossímeis* (coletânea de contos, em 1990), *Coração dos bosques* (poesia, 1991), *A feira dos assombrados* (novela, 1992), *Estação das chuvas* (romance, 1996), *Nação crioula* (romance 1997), *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (romance, 2002), *O vendedor de passados* (romance, 2004), *As mulheres de meu pai* (romance, 2007), *A vida no céu* (romance, 2013) e *A rainha Ginga* (romance, 2014).

De forma linear e suave, Agualusa consegue prender a atenção do leitor, fazendo-o interagir com o texto e com as personagens. O romance retrata o tráfico negreiro e o movimento abolicionista no final do século XIX, com expressões que vão do cômico ao dramático, sob o ponto de vista do aventureiro Fradique Mendes, um integrante da alta sociedade portuguesa que é contra o regime escravista e as injustiças sociais que vão sendo delineadas ao longo do romance.

A obra é estruturada em 26 cartas. Destas, 25 foram enviadas por Fradique a sua madrinha Madame Jouarre, sua amada Ana Olímpia e ao grande amigo Eça de Queiroz; e uma carta enviada por Ana Olímpia a Eça de Queiroz, que na obra é ficcionalizado com outros personagens reais da história do Brasil e do movimento abolicionista. Assim, temos 26 capítulos de histórias repletas de façanhas, narradas de forma bem humorada. O romance retrata a luta contra a escravidão, passando por Luanda, Lisboa, Paris e Brasil.

O livro *Nação Crioula* é repleto de contradições, perpassando por histórias como a de um abolicionista declarado, Fradique, que viaja em um navio negreiro até uma escrava que se casa com um comerciante de escravos. A primeira carta retrata a chegada de Fradique em Luanda e como ele percebe os aromas e odores da África.



Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber um outro odor, mais sutil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todo os viajantes se referem quando falam de África. (AGUALUSA, 2009, p. 11)

Tomando esta obra como base analítica, o artigo tem por objetivo trazer à tona o movimento abolicionista brasileiro, questões do tráfico negreiro e da colonização. O próprio título da obra, *Nação crioula*, faz referência a um navio que vai cruzar o Atlântico, levando os últimos escravos de Angola para o Brasil. Ironicamente Fradique, um português abolicionista, e sua amada Ana Olímpia, escrava angolana fugitiva, estão a bordo deste navio.

ESPAÇO E TEMPO

De acordo com D'Onofrio (2006), a literatura é chamada de ficção, pois nada mais é do que a imaginação de algo que não existe na realidade, mas, sim, no espírito de seu criador. A literatura cria o seu próprio universo, autônomo em relação ao mundo em que vive o autor, com seus seres ficcionais, seu ambiente imaginário com seu código ideológico, sua própria verdade: pessoas metamorfoseadas em animais, animais que falam a linguagem humana, amores incríveis, sentimentos contraditórios ou paradoxais, etc.

Em um texto literário, o espaço estabelece um elo entre a realidade e o imaginário; é o espaço da ficção, o cenário onde as personagens são criadas, onde ganham vida, e as descrições dos lugares, onde se desenrola o enredo, como as cidades, as ruas, tipo de casas, de móveis, entre outros, constitui indícios da condição social da personagem (se é rica, pobre, nobre, plebeia). O autor até faz uma analogia entre o ambiente e o estado de espírito da personagem: ambiente fechado – angústia; paisagens abertas – sensação de liberdade (D'ONOFRIO, 2006, p. 19 e 98).

O tempo do enunciado é o tempo dos acontecimentos narrados e pode ser cronológico ou psicológico. Tempo cronológico é o tempo da história, da sucessão cronológica dos acontecimentos. Já o tempo psicológico não pode ser mensurado, é onde o passado se torna presente, é o interior da personagem, suas lembranças, seu estado de espírito (D'ONOFRIO, 2006, p. 100 e 101). Ainda segundo o autor:



A espacialidade e a temporalidade são componentes sintático-semânticos de uma narrativa e se definem pelo ator a que estão conjuntas (espaço e tempo do narrador; espaço e tempo do protagonista; espaço e tempo do antagonista, etc.). Sua função é dúplice e antitética: de um lado, dão-nos a impressão de naturalidade, pois as informações temporais e espaciais têm o papel de enraizar a ficção na realidade, tornando-a inteligível; mas, de outro lado, instauram o mundo imaginário, suspendendo as leis do real. (D'ONOFRIO, 2006, p. 96 e 97)

O tempo do romance se dá a partir de maio de 1868, data da primeira carta de Fradique, até agosto de 1900, sendo que a última carta é a enviada pela senhora Ana Olímpia, comerciante em Angola, ao escritor português Eça de Queiroz.

COLONOS E COLONIZADORES

Uma boa parte dos colonos são presos e deportados de Portugal: "Os colonos podem no geral ser divididos em: 1. Criminosos a cumprir pena de degredo. 2. Degredados que, cumprida a pena, preferiram sabiamente manter-se por cá" (AGUALUSA, 2009, p. 16). Segundo Ashcroft et al. (citado em BONNICI, 2005), os colonizadores implantaram três tipos de colônias: 1) colônias de colonizadores; 2) colônias de sociedades invadidas; 3) colônias de sociedades duplamente invadidas.

A expansão colonial europeia, ocorrida nos séculos XV e XVI, coincidiu com o início do sistema capitalista moderno de trocas econômicas, sendo que essas colônias eram vistas como fonte de matérias-primas. Pelo contato desses colonizadores e colonizados por longos períodos, estabeleceu-se uma hierarquia, com a supremacia do colonizador que julgavam ser uma raça superior, sendo os termos raça, racismo e preconceito, oriundos da posição hegemônica europeia. Os colonizados eram vistos como inferiores e fato "provado" pela doutrina darwinista do século XIX, que reforçou a superioridade dos mais fortes (BONNICI, 2005, p. 228).

Disse-lhe que os Ingleses, Franceses e Alemães também se recusam a falar português, e recordei-lhe que a Rainha de Espanha acredita nas virtudes purificadoras do suor impregnado nas vestes menores de uma freira. E qual a



diferença, afinal, entre um manipanso cravejado de duros pregos e a estatueta de um homem pregado numa cruz? Antes de forçar um africano a trocar as peles de leopardo por uma casaca do Poole, ou a calçar umas botinas do Malmstrom, seria melhor procurar compreender o mundo em que ele vive e a sua filosofia. (AGUALUSA, 2009, p. 17)

Sendo que a colonização que foi implantada na África corresponde a de colônias de sociedades invadidas, os colonizadores encontraram essas populações em vários estágios de desenvolvimento, sendo que os escritores nativos possuíam uma ideologia, uma organização societária e formas políticas, embora essas organizações fossem marginalizadas pelos colonizadores. Mesmo sendo mantida a língua do nativo, falar a língua do colonizador foi a forma utilizada para elevar o nível cultural e a comunicação com a metrópole (BONNICI, 2005, p. 228). Ainda segundo o autor:

A situação da cultura num país que teve a experiência da colonização sempre foi um tema com merecido destaque em qualquer discussão. O assunto se torna mais polêmico quando se discute a descolonização da cultura. A partir de noções dialéticas do binário imperialismo-colonialismo, muitos autores colocam a cultura nacional no contexto da libertação dos povos colonizados para tentar analisar a sua verdadeira face e as consequências por ela engendradas na luta anticolonial. Discute-se também não somente a função da literatura ocidental dentro da perspectiva imperialista, mas também o papel da literatura nacional para o povo colonizado. (BONNICI, 2012, p. 34)

Assim como outros escritores africanos, Agualusa escreveu, em seu romance *Nação crioula*, sobre a cultura africana, com suas lendas, mitos e a luta desse povo para sobreviver em uma sociedade patriarcal, sobre a complexidade de costumes, religião, hierarquia, legislação, pelas cartas de um europeu e a sua visão desse novo mundo que é a África para sua madrinha e seu amigo Eça de Queiroz.



ROMANCE EPISTOLAR

Segundo Eurídice Figueiredo (2013), cartas são utilizadas como estratégia narrativa no romance epistolar, pois elas revelam particularmente as ideias, as opiniões, a interlocução, amorosa ou de amizade que cada escritor manteve com seus pares e familiares (FIGUEIREDO, 2013, p. 39 e 40). É o que acontece no romance *Nação crioula*, onde Fradique conta suas aventuras e anseios à sua madrinha, ao amigo e à amada.

Na carta de Fradique a Eça de Queiroz, em agosto de 1872, ele relata como nascem os mitos, no relato sobre o padre Nicolau dos Anjos, que se tornou um mito em Luanda: “Este homem tão grande, temido e venerado – é anão” (AGUALUSA, 2009, p. 33).

Entre os homens que acompanharam o cortejo dois ou três fugiram para a mata e nunca mais foram vistos. É de crer que estejam agora assombrando o gentio com a narração de mais um milagre de Nicolau dos Anjos.

E assim tem V., meu querido José Maria, como se fundam os mitos. (AGUALUSA, 2009, p. 34)

No romance temos duas realidades, a do escravista e a do escravizado. Ana Olímpia, viúva e herdeira de um comerciante de escravos de Angola, mulher culta que estudou os clássicos europeus (Kant, Confúcio e Charles Darwin), acostumada a uma vida requintada, como senhora Vaz de Caminha, é brutalmente submetida à dolorosa e humilhante condição de escrava da mais perversa habitante de Luanda, Gabriela Santamarinha, que é conhecida por todos pela sua feiura e maldade.

Ao vê-la recordei-me de uns versos do poeta brasileiro Gregório de Matos, (...). “Boca sacada com tal largura/ que a dentadura/ passeia por ali/ desencalmada” (...) – Chamam-lhe a Boca Maldita – esclareceu o Coronel – Boca Cuspideira, Boca Assassina ou Boca Fétida. Dizem que os pássaros se suicidam de desgosto à passagem dela. (AGUALUSA, 2009, p. 22)

A viagem de fuga, de Angola para o Brasil, é retratada na carta a Madame de Jouarre, de dezembro de 1876. Nesta carta, Fradique conta que ele,



Ana Olímpia e o amigo Arcênio de Carpo estão a bordo do Nação Crioula, o último navio negreiro a cruzar o Atlântico. Junto com eles, estão alguns negros que serão vendidos no Brasil – na fala do capitão do navio: "(...) cada um deles é um hectare de boa terra que eu vou comprar no sul do Brasil. Com o fim do tráfico trinta cabeças valem hoje tanto quanto trezentas há vinte anos atrás" (AGUALUSA, 2009, p. 69).

Em seu livro *O atlântico negro*, Paul Gilroy relata que navios e outras cenas marítimas ocupam um lugar especial na obra de J. M. W. Turner, um artista cujos quadros representam, na visão de muitos críticos contemporâneos, o apogeu da escola inglesa de pintura. O célebre quadro de Turner de um navio negreiro, lançando seus mortos e moribundos ao mar, foi exposto na Royal Academy, para coincidir com a convenção mundial antiescravista realizada em Londres, em 1840. O quadro apresentava um protesto poderoso contra o rumo e o tom moral da política inglesa (GILROY, 2012).

A extraordinária pintura de Turner do navio negreiro continua a ser uma imagem útil não só por seu poder moral autoconsciente e o modo notável pelo qual ela aponta diretamente para o sublime em sua invocação do terror racial, comércio e degeneração ético-política da Inglaterra. Deve-se enfatizar que os navios eram os meios vivos pelos quais se uniam os pontos naquele mundo atlântico (GILROY, 2012).

Os negros oriundos da África eram transportados nos porões dos navios negreiros. Em função das péssimas condições deste meio de transporte, muitos morreram durante a travessia do Atlântico. Após desembarcarem no Brasil, eram expostos como mercadorias e vendidos aos senhores de engenho e fazendeiros. O sistema econômico vigente no Brasil neste período foi o principal fator que manteve o sistema escravista por quase trezentos anos. A economia brasileira contava quase que exclusivamente com o trabalho escravo para realizar as atividades nas fazendas e minas.

Neste período, aconteciam no Brasil discussões sobre o fim do sistema escravocrata. A primeira etapa do processo para pôr fim a este triste período foi tomada em 1850, com a extinção do tráfico de escravos para o Brasil. A medida pressionada pela Inglaterra que desejava pôr fim à escravidão tinha interesses econômicos, pois o país passava pelo processo de industrialização e precisava de mercado consumidor para suas mercadorias.

Segundo Albuquerque e Fraga Filho (2006), alguns núcleos abolicionistas começaram a atuar desde meados da década de 1860. Em 1865, um mestiço baiano de dezoito anos, estudante da Faculdade de Direito do Recife, Antônio de Castro Alves, já celebrava em verso a libertação dos escravos na América do Norte. Pouco depois, ele se consagraria como o **poeta dos escravos**, ao denunciar os sofrimentos dos que fizeram a travessia atlântica. Em 1868, Castro Alves inscreveu-se na Faculdade de Direito de São Paulo, onde se juntou a Rui



Barbosa, Joaquim Nabuco e outros estudantes que militavam no movimento abolicionista.

Depois da abolição da escravidão nos Estados Unidos, em 1865, Brasil e Cuba eram os únicos países que ainda mantinham a exploração do trabalho escravo nas Américas. Numa época em que se condenava a escravidão nos quatro cantos do mundo, isso não era nada confortável para os governantes brasileiros. Além disso, no final dos anos 1860, ainda que em pequenos grupos, os abolicionistas começaram a agitar os grandes centros urbanos com discursos inflamados, exigindo o fim do cativeiro (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 176).

Em carta a Eça de Queiroz, maio de 1877, Fradique conta ao amigo como entrou em contato com o movimento abolicionista brasileiro, conhecendo alguns de seus principais representantes, por exemplo, o jornalista José do Patrocínio e o advogado Luís Gama.

Gama conheceu ele próprio essa situação, pois sendo filho de uma negra livre, e tendo portanto o direito à liberdade. Foi vendido pelo pai ainda criança, fugindo pouco depois e vivendo uma incrível sucessão de aventuras antes de se formar e estabelecer como advogado. “Em nós”, disse-me Gama, “até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime. Mas nossos críticos se esquecem que essa cor está na origem da riqueza de milhares de ladrões que nos insultam; que essa cor convencional da escravidão, tão semelhante à da terra, abriga sob a superfície escura vulcões onde arde o fogo sagrado da liberdade”. (AGUALUSA, 2009, p. 97)

José do Patrocínio teve participação destacada na imprensa carioca e nas reuniões abolicionistas. Nascido em Campos, no Rio de Janeiro, Patrocínio era filho de um padre fazendeiro, dono de escravos, e de uma mulher negra vendedora de frutas chamada Justina Maria do Espírito Santo. Aos vinte e oito anos já era famoso por seus discursos exaltados, emotivos e teatrais. Ao lado de Joaquim Nabuco, importante abolicionista pernambucano, fundou a Sociedade Brasileira contra a Escravidão (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 180).

O romance termina com a carta da senhora Ana Olímpia, comerciante em Angola, ao escritor português Eça de Queiroz, em agosto de 1900. Nesta carta a autora confirma todas as cartas que Fradique escreveu ao amigo Eça de Queiroz, à madrinha Madame de Jouarre, e a ela, relatando o fim da escravidão no Brasil e autorizando Eça de Queiroz a publicar as cartas.



CONCLUSÃO

A história tratada em *Nação crioula* se desenvolve no período que vai de 1868, com a chegada de Fradique Mendes a Luanda, Angola, até o ano de 1900. Exceto a última carta, que é escrita por Ana Olímpia para Eça de Queirós, todas as demais cartas são de autoria de Fradique Mendes e são endereçadas à sua amada Ana Olímpia, à sua madrinha Madame Jouarre ou a outros amigos. Fradique trata, em suas cartas, desde assuntos pessoais e íntimos, até eventos políticos e sociais dos países pelos quais passa: Portugal, Brasil e Angola. Como se deu a colonização e ocupação do território angolano e a visão do próprio colonizado frente aos colonizadores.

Fradique entra em contato com o movimento abolicionista e passa a expor os argumentos e ideias centrais do movimento. Temendo perder suas propriedades, os coronéis da região juram Fradique de morte. Dessa forma, Fradique entra **de cabeça** no movimento abolicionista e vai ao Rio de Janeiro e à Europa para denunciar os horrores da escravidão.

Esta análise permitiu discutir questões relevantes: a colonização e a escravidão, momentos que marcaram a história do Brasil. Esse período foi marcado por interesses econômicos e comerciais, esquecendo o sofrimento daqueles que aqui foram escravizados, pessoas que na sua terra natal também tinham uma história. Como na obra, Ana Olímpia relata que o mar tem o mesmo nome que a morte: Calunga. Portanto, aquela travessia era uma passagem para a morte. A vida que deixavam na África, era a vida; a que encontravam no Brasil, apesar do sofrimento, era um renascimento, pois muitos encontravam Calunga durante a travessia.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, J. E. *Nação crioula*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009.

ALBUQUERQUE, W. R. de; FRAGA FILHO, W. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. *Teoria literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2005.

BONNICI, T. *O pós-colonialismo e a literatura: Estratégias de leitura*, 2. ed. Maringá: Eduem, 2012.

BOSI, A. *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.



_____. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. *Cultura brasileira: Temas e situações*, São Paulo: Ática, 2012.

D'ONOFRIO, S. *Teoria do texto: Prolegômenos e teoria da narrativa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FIGUEIREDO, E. *Mulheres ao espelho: Autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

GILROY, P. *O atlântico negro*. 2. ed. São Paulo: 34, 2012.

MORETTI, F. (Org.). *A cultura do romance*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

